

CAPÍTULO 1

O meu nome é Karim Amir, e sou inglês de nascimento e criação, ou quase. É frequente considerarem-me um tipo de inglês singular, estranho, uma espécie de raça nova, dado que sou fruto de duas velhas civilizações. Mas estou-me nas tintas para essas catalogações: o que eu sei é que sou inglês (embora não tenha muito orgulho nisso), um inglês dos subúrbios do Sul de Londres e que há-de dar que falar. Talvez seja a estranha mistura de continentes e de sangues, de coisas de dois mundos, de ser daqui e de não ser daqui, que faz de mim uma pessoa inquieta, insatisfeita e que, facilmente, se aborrece. Ou talvez seja o facto de ter sido criado nos subúrbios que fez de mim o que sou, não sei. Bom, seja como for, para que hei-de estar eu aqui a revolver-me por dentro se, para explicar tudo, basta dizer que o que eu queria era alguma agitação, algum movimento, qualquer movimento, acção, sexo, enfim, era disso que eu andava à procura e isto porque, na nossa família, não sei por que razão, tudo era triste, chato e pesado. A sério: aquilo era demais para mim, um peso enorme, deprimente, de maneira que eu estava pronto para qualquer aventura, enfim, para tudo.

Até que veio um dia em que todo este panorama mudou. Da noite para o dia, de um instante para o outro. Tinha eu dezassete anos.

Nesse dia, o meu pai não voltou triste do trabalho. Quer dizer, para o que era habitual nele, podia dizer-se que estava até muito bem-disposto. Senti-lhe o cheiro a comboio, enquanto arrumava a mala junto à parede, atrás da porta da rua, e tirava a gabardina, atirando-a depois para cima do corrimão. Agarrou no meu irmãozinho, Allie, que não gostava que o agarrassem, e deu-lhe um beijo; beijou-me a mim e à minha mãe com entusiasmo, como se tivéssemos acabado de nos salvar de um terramoto. Num gesto mais normal, entregou à minha

mãe o jantar dele: um pacote de *kebabs* e *chapatis* tão gordurentos que o papel quase se desintegrara. Depois, em vez de se afundar num sofá a ver o telejornal e esperar que a minha mãe lhe pusesse a comida aquecida em frente, foi para o quarto dele, que ficava na parte de baixo da casa, ao lado da sala de estar. Num instante, ficou em cuecas e camisola interior.

— Vai-me buscar a toalha cor-de-rosa — disse-me ele.

Assim fiz. O meu pai pôs a toalha no chão do quarto e ajoelhou-se em cima dela. Pensei: bom, se calhar agora deu-lhe para a religião. Mas não, porque logo a seguir ergueu os braços à altura da cabeça, deu um salto e pôs-se em pé.

— Tenho de praticar — disse ele, com uma voz abafada.

— Praticar para quê? — perguntei eu, e era uma pergunta sensata, enquanto o observava com interesse e algumas suspeitas.

Convocaram-me para aquela chatice das Olimpíadas do Ioga — disse ele. O meu pai sempre foi muito sarcástico.

Passado um momento, já estava de cabeça para baixo, perfeitamente equilibrado. A barriga caía-lhe, bamba, as carnes lassas. Os tomates e a picha quase assomavam à braguilha das cuecas. Os muito razoáveis músculos dos braços inchavam, inchavam, e ele respirava vigorosamente. Como muitos indianos, o meu pai era pequeno, mas também elegante, bonito, as mãos delicadas, tal como os gestos. Ao pé dele, a maior parte dos ingleses pareciam girafas desengonçadas. E era largo e forte: em jovem, havia sido pugilista e um fanático por todos os exercícios que desenvolvessem o peito. Tinha tanto orgulho no peito como os vizinhos do lado nas galinhas. Mal sorria o primeiro raio de sol, tirava a camisola interior e lá ia ele para o jardim, com uma cadeira de lona e um exemplar do *New Statesman*. Disse-me um dia que, na Índia, costumava rapar os pêlos do peito para que estes crescessem, crescessem, crescessem sempre mais. Sim, o peito deve ter sido a única parte do seu corpo em que pensou em termos de futuro.

A minha mãe, que estava na cozinha como de costume, não tardou a ir ao quarto ver o que se passava. Há meses que não praticava ioga, de modo que ela percebeu logo que ele andava a preparar alguma. A minha mãe trazia um avental com flores e limpava constantemente as mãos a um pano da loiça, uma recordação de Woburn Abbey. Era uma mulher para o gorducho, sem grandes atractivos físicos, com uma cara redonda, pálida e uns olhos castanhos meigos. Eu imaginava que, para ela, o corpo não passava de um objecto incómodo em que estava

metida e que a atrapalhava, como se estivesse encalhada nele, como se estivesse encalhada numa ilha deserta que nunca ninguém explorara. Normalmente era uma pessoa dócil e tímida, mas se a irritavam era capaz de ficar agressiva. Muito agressiva. Como naquele momento em que viu o meu pai praticando ioga para as Olimpíadas.

— Allie, vai para a cama — disse ela ríspidamente para o meu irmão, ao vê-lo espreitar à porta. Allie trazia uma rede na cabeça, que era para não ficar com o cabelo todo esguedelhado enquanto dormia. — Francamente, Haroon! — disse ela para o meu pai. — Tu com tudo à mostra e toda a gente a ver! — depois, virou-se para mim: — Tu é que o encorajas. Ao menos podias puxar as cortinas!

— Não é preciso, mãe. Não há nenhuma casa em frente!... Só se estiver alguém a ver-nos de binóculos...

— E estão, e estão! — disse ela.

Puxei as cortinas da janela que dava para o jardim das traseiras. Imediatamente, o quarto pareceu ficar mais pequeno. A tensão crescia, crescia. Eu daria tudo para disparar para longe de casa naquele momento. Nunca me apetecia lá estar, não sei porquê.

Quando o meu pai falou, a sua voz saiu estrangulada, débil.

— Karim, lê-me o livro de ioga, nítida e pausadamente.

Num segundo, tirei o livro de ioga que ele preferia — *Yoga for Women*, com fotografias de mulheres que respiravam saúde, envergando *maillots* pretos — do meio dos seus outros livros sobre budismo, sufismo, confucianismo e *zen*, que tinha comprado na livraria oriental em Cecil Court, numa transversal à Charing Cross Road. Agachei-me ao lado dele com o livro. Ele inspirou, reteve a respiração. Eu não lia mal e, enquanto lia para ele, imaginava-me no palco do Old Vic, declamando com um ar imponente: «Salamba Sirsasana permite-nos recuperar a saúde e um espírito jovem, que são bens inestimáveis. É maravilhoso sabermos que estamos em condições de enfrentar com coragem a vida e extrair dela toda a felicidade que ela tem para nos oferecer.»

De cada vez que eu lia uma frase, ele roncava aprovadamente e abria os olhos, à procura da minha mãe, que tinha os dela fechados.

Continuei a ler: «Esta posição impede também a queda do cabelo e elimina a tendência para os cabelos brancos.»

Cabelos brancos! A questão era essa: ele queria evitar os cabelos brancos! Satisfeito, o meu pai levantou-se e vestiu-se.

— Já me sinto melhor. O problema é que estou a ficar velho, e um homem dá por isso, não sei se estás a ver. — Num tom mais terno,

virou-se para a minha mãe: — A propósito, Margaret, queres ir a casa de Mrs. Kay esta noite? — Ela abanou a cabeça. — Vá lá, querida... Sempre saímos um bocado, é agradável... Que achas?

— Mas não é a mim que Eva quer ver! — respondeu a minha mãe. — Ela ignora-me. Ainda não percebeste isso? Trata-me como se eu fosse caca de cão, Haroon! Eu, para ela, não sou suficientemente indiana. Não passo de uma inglesa.

— Eu sei que não passas de uma inglesa, mas podias vestir um *sari* — disse o meu pai, rindo. Ele gostava de gozar com os outros, mas a minha mãe não era uma vítima satisfatória, pois não compreendia que deveria rir quando troçavam dela. — Além do mais, é uma ocasião especial — concluiu o meu pai.

Claro que era aí que ele queria chegar. De maneira que ficou à espera que lhe fizéssemos perguntas.

— Uma ocasião especial? O que é, pai?

— É que eles pediram-me para falar sobre alguns aspectos da filosofia oriental. Foram tão simpáticos que eu não podia recusar.

O meu pai disse-me isto a toda a velocidade e depois tentou disfarçar o orgulho que sentia perante aquela honra, perante aquela prova da sua importância, metendo a fralda da camisola interior dentro das calças, com um ar atarefado. Eu não podia deixar escapar a oportunidade.

— Se quiseres, vou contigo. Tinha pensado ir ao clube de xadrez, mas se quiseres faço um esforço e esqueço o xadrez.

Disse isto com o ar mais inocente deste mundo porque, se mostrasse muito empenho em ir, já sabia que as coisas davam para o torto. Tinha descoberto que, na vida, quando nos mostramos muito desejosos de fazer uma coisa, os outros retraem-se sempre. E quanto menos impacientes nos mostramos, mais facilmente levamos os outros a fazer o que nós queremos. Por isso, quanto mais desejo eu tinha de fazer uma coisa, menos o mostrava.

O meu pai puxou a camisola para fora das calças e pôs-se a bater na barriga, a um ritmo rápido, com as duas mãos. Era um ruído desagradável, um ruído que se ouvia em toda a casa, que se repercutia na nossa pequena casa como tiros de pistola.

— Está bem — disse-me ele. — Vai-te vestir. — Virou-se para a minha mãe: queria que ela fosse com ele, que visse com os seus próprios olhos o respeito, a consideração, que os outros tinham por ele. — Podias vir, Margaret...

Subi ao piso de cima para mudar de roupa. Do meu quarto, com as paredes decoradas de alto a baixo com jornais, ouvia-os a discutir. Conseguiria ele convencê-la a ir? Quanto a mim, fazia votos para que a minha mãe não fosse. O meu pai era mais frívolo quando ela não estava por perto. Pus um dos meus discos preferidos, o «Positively Fourth Street» de Dylan, para animar, para me sintonizar com a animação que me esperava.

Levei imenso tempo a arranjar-me: mudei de figurino três vezes. Às sete, desci finalmente as escadas com aquela que eu sabia ser a roupa certa para uma noite em casa de Eva: calças à boca-de-sino azul-turquesa, camisa transparente azul e branca com flores estampadas, botas de camurça azuis de tacões altos e um colete indiano, escarlate, com um fio dourado nas pontas. E uma faixa à volta da cabeça para pôr um pouco de ordem no meu cabelo frisado que me chegava aos ombros. Além disso, lavara a cara com *Old Spice*.

O meu pai estava à porta à minha espera, de mãos nas algibeiras. Levava uma camisola preta de gola alta, um casaco preto de cabedal de imitação e calças de veludo cotelê cinzentas *Marks & Spencer*. Quando me viu, ficou de súbito agitado.

— Diz até logo à mãe.

A minha mãe estava na sala de estar a ver o *Steptoe and Son* e a comer *Walnut Whip* às colherinhas. Era assim o ritual: comia uma colherinha de doce, punha a taça no pufe e, passado um quarto de hora, comia outra colherinha e voltava a pôr a taça no pufe. De maneira que os seus olhos estavam sempre a dançar entre o relógio e a televisão. Mas, às vezes, dava-lhe um ataque e em dois minutos devorava o doce todo. «Eu mereço o meu *Whip*», dizia ela então, culpabilizada.

Quando me viu, ficou também com um ar tenso.

— Não nos envergonhes, Karim! — disse ela, sem tirar os olhos da televisão. — Pareces o Danny La Rue.

— Ah, sim? E que me diz da tia Jean? — retorqui eu. — A tia Jean tem o cabelo azul!

— Numa mulher de idade, fica bem o cabelo azul — respondeu-me ela.

Sáímos de casa o mais depressa possível, eu e o meu pai. Ao fundo da rua, enquanto esperávamos pelo autocarro 227, um dos meus professores, um que era zarolho, passou por nós e reconheceu-me. E que me diz o Ciclope? Isto: